

Editorial

O número especial da Revista do Departamento de Geografia organizado e que solidifica as relações culturais entre Brasil e Moçambique mereceu apoio do CNPq na concessão do auxílio para Realização de Eventos Científicos, no caso, a "Primeira Semana de Geografia do Brasil em Moçambique" realizado em fevereiro de 2009.

O encontro da geografia brasileira com a de Moçambique ocorreu em 1982 quando o Brasil organizou a Conferência Regional Latino Americana da União Geográfica Internacional - UGI, cuja Secretaria Executiva estava sob a coordenação do Prof. Speridião Faissol, com sede no Rio de Janeiro. Em São Paulo - Universidade de São Paulo, ocorreram atividades interessando também à Comissão de Geografia da População cujo membro desta comissão no Brasil era a Profa. Rosa Ester Rossini.

O Prof. Manuel Garrido Mendes de Araújo, professor na Universidade Eduardo Mondlane - Maputo esteve presente ao evento no qual apresentou resultados de sua dissertação de mestrado sobre a população, o campo e o trabalho na agricultura em Moçambique. Deste evento se estabeleceu uma amizade que perdura até hoje apesar de não termos conseguido apoiar, alguns anos mais tarde, a motivação do Professor Manuel Araújo de realizar o doutorado no Brasil devido aos entraves burocráticos que exigiam a presença do professor para a seleção de ingresso à Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Muitos professores e estudantes de Moçambique encontraram apoio no CEDEPLAR da Universidade Federal de Minas Gerais e para lá se dirigiram para realizar pós-graduação em Demografia. O Prof. Manuel realizou seu doutorado em Lisboa - Portugal. Este fato não impediu que, muitas vezes, nós nos encontrássemos em eventos, no Brasil, da Associação Brasileira de Estudos Populacionais ABEP. Em 2000, o professor candidatou-se a concurso e foi aprovado, à primeira Cátedra de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane e do qual participei. Em 2002,

o Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia convidou-o para ministrar o curso: "África sub-saariana: passado, presente e perspectivas para o futuro", possibilitando maior aproximação entre os dois departamentos de Geografia.

Já em janeiro de 2004, foi assinado o convênio da Universidade de São Paulo - Departamento de Geografia - com a Universidade Eduardo Mondlane. À coordenação foi indicada à Profa. Rosa Ester Rossini. Em 2003, vieram dois professores daquela Universidade - Cláudio Arthur Mungói e Alexandre H. M. Baia, para realizarem o mestrado na USP. Alexandre H. M. Baia participou também do curso de pós-graduação - nível doutorado, sob a orientação da Profa. Ana Fani Alessandri Carlos.

Em 2005, foi ministrado em Maputo, na Universidade Eduardo Mondlane, o curso de Pós-Graduação com o tema "Geografia da População: exemplo brasileiro" pela Profa. Rosa Ester Rossini. A partir de janeiro de 2007, a coordenação do convênio passou a ser realizada pelo Prof. Wanderley Messias da Costa. Após este período, recebemos apenas estudantes de graduação e enviamos também para intercâmbio estudantes não só de geografia, mas de Ciências Sociais e Letras considerando que o Convênio começou a vigorar em um sentido mais amplo entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Eduardo Mondlane.

Este relato representa a memória das relações culturais e científicas entre as duas Universidades cuja consagração se revelou no evento organizado pela Profa. Rita de Cássia Ariza da Cruz e realizado em Moçambique e dele participaram professores e pesquisadores daquela Universidade, da Universidade Pedagógica - Delegação de Gaza/Moçambique e do Brasil estavam representadas as Universidades de São Paulo, a UNICAMP, a Universidade Federal do Pará e a Universidade Cruzeiro do Sul.

Os trabalhos apresentados entrelaçam temas específicos de cada país assim como estudos comparativos.

“A Questão Agrária Brasileira e Moçambicana: semelhanças e diferenciações” apresentada por Vicente Eudes Lemos Alves, aborda problemáticas da questão agrária dos dois países buscando na explicação as raízes históricas do desenrolar do processo colonial assim como as heranças sócio-econômicas. O autor ressalta que, “os dois países não conseguiram superar as amarras das desigualdades sociais evidentes na paisagem e na vida social da população tanto na urbana como na rural...”. A modernização capitalista no campo pela qual o Brasil e Moçambique se empenharam produzindo produtos principalmente agrícolas para a exportação convive com a produção agrícola em pequenas dimensões de terra, com técnicas agrícolas tradicionais utilizando mão-de-obra familiar.

Alexandre H. M. Baia, em “Os Meandros da Urbanização em Moçambique”, expõe como a cidade em Moçambique aparece como produto da história. “Nesse contexto, a reflexão aponta para a compreensão das diferenças espaciais, da dualidade, como produtos da urbanização desigual organizada e controlada pelo Estado, num processo em que diferentes sistemas de relações sociais fragmentam a cidade e produzem estruturas espaciais hierarquizadas segundo a lógica do Estado e da acumulação externa de capital”.

Em “A Segregação Sócioespacial na Metrópole Paulista”, Glória da Anunciação Alves “se propõe a discutir os processos de segregação sócioespacial na metrópole paulista dando destaque para a relação centro-periferia... A realização da valorização do espaço a partir do processo de desvalorização/valorização do espaço urbano... em cada local com suas particularidades, busca a reprodução do capital” e “esta estratégia tem como fundamento a existência da propriedade privada do solo”.

Maria Goretti da Costa Tavares, no texto “A Amazônia Brasileira – Formação Histórico-territorial e Perspectivas para o Século XXI”, discute as transformações históricas “no processo de formação territorial no estado da região amazônica” do século XVII ao XX. As contradições socioeconômicas e ambientais “decorrentes do modelo histórico e espacial de desenvolvimento excludente” são evidentes no século XXI e urgem

ações para a região de modo a possibilitar melhoria do ambiente e da qualidade de vida à população como um todo.

“Migração e HIV/AIDS em Moçambique: desafios da região centro de Moçambique”, é o artigo elaborado por Inês M. Raimundo. A Mobilidade da população do país é uma constante. As remessas de dinheiro ou de produtos colaboram para a sobrevivência de número significativo de pessoas mas, também, tem trazido consequências desastrosas à população como alastramento do índice do HIV. A região centro de Moçambique possui altos índices de HIV. Ações devem ser empreendidas de modo a reduzir o impacto e a difusão do HIV considerando que mesmo pessoas que não migraram, como as mulheres, são vítimas da epidemia.

“Geografias do Turismo no vasto continente africano”, elaborado por Davis Gruber Sansolo e Rita de Cássia Ariza da Cruz, é o resultado de análise a partir de contextualização do turismo no continente africano. Desenvolve “leitura crítica de inserção deste continente nos roteiros turísticos internacionais” e “constrói uma proposta de regionalização da África em função de seu uso e apropriação pela atividade turística”... “Considera, também, a existência de contra-racionalidades hegemônicas relacionadas ao turismo” na África, “manifestadas na forma de experiências de turismo de base comunitária”. Nele os lugares são apresentados como as pessoas vivem, o cotidiano, suas crenças, mitos, seu conhecimento que acolhe e recebe o chegante enquanto que o “turismo de *marketing*” apresenta lugares de sol e praia, ecoturismo, safáris fotográficos selecionando e produzindo espaço, “sob a lógica capitalista da produção”.

Mônica Frederico apresenta o texto “Impacto e Sustentabilidade do Turismo Comunitário – Estudo de Caso de Tinti Gala e Tsakane Ka Madjadjane Lodges em Maputo”. Trata-se de resultado de pesquisa sobre a contribuição do turismo no desenvolvimento comunitário na província de Maputo – Moçambique. Centrou-se na avaliação econômica de projetos turísticos (lodges) em Gala e Madjadjane. Os indicadores usados para avaliar o impacto foram os empregos direto e indireto, partilha e benefício e os critérios foram custo-benefício. Os

resultados demonstraram que devido à formação deficiente das comunidades na administração de projetos comunitários os benefícios ainda não são muito visíveis.

Gustavo Sobrinho Dgedge e Nelson Filipe apresentaram o tema "Paisagem Mutante como Elemento de Análise no Curso de Geografia na UPGaza. O ensino de geografia na Universidade Pedagógica, Delegação de Gaza tinha a sala de aula seu lugar de preferência para a transmissão do conhecimento. Atualmente, o trabalho de campo onde o estudante aprende a partir do contato direto com a paisagem, tem demonstrado melhores resultados em relação à teorização da sala de aula. Este método possibilita "aprendizagem com base na construção do conhecimento, no qual o estudante torna-se sujeito mentalmente ativo na aquisição dos saberes".

"Erosão Costeira em Vilankulos" é apresentado por J.H.Manete e A. R. Zunguse. Esta pesquisa teve como objetivo contribuir na identificação de áreas vulneráveis à erosão. A metodologia utilizada foi "o uso da Equação Universal de Perda do Solo (USLE) para avaliar o peso relativo dos fatores que atuam no processo de erosão na zona costeira do distrito de Vilankulos a partir de dados obtidos no campo". O sistema de Informação Geográfica (SIG) foi usado para classificar e mapear as áreas de erosão. O agravamento é explicado principalmente por práticas de manejo da terra, os níveis de cobertura vegetal e a erosividade da chuva. Em novos estudos é necessário levar em consideração aspectos ligados ao clima de agitação marítima.

"Aplicação de índices das condições de vegetação no monitoramento em tempo quase real da seca em Moçambique usando NOAA-AVHRR-NDVI" é apresentado por Paulo Alberto Conde. O texto valoriza a incorporação de satélites de cobertura global e alta resolução temporal no monitoramento de fenômenos naturais como a seca, ciclones e cheias como melhor alternativa aos escasso, dispersos e indisponíveis dados meteorológicos de Moçambique onde muitas estações foram destruídas durante a guerra e cheias. Este texto avalia as diferenças e aptidão dos índices das condições de vegetação para o período de 1981 a 2005 (NDVI) produzido a partir dos canais 1 e 2

do sensor AVHRR "a bordo nos satélites da NOAA". O estudo ressalta que "para melhor avaliação dos índices será necessário a incorporação dos índices VPI e SVI, no sistema local de monitoramento da seca."

"Geoprocessamento: estudos de Geomarketing e as possibilidades de sua aplicação no planejamento do desenvolvimento socioeconômico" de Adriana Aparecida Furlan demonstra que "o aprimoramento das técnicas e ferramentas, cada vez mais sofisticadas, na área da Cartografia têm se mostrado eficaz e útil para diversos profissionais, dentre os quais se destaca o geógrafo". Essas novas tecnologias dentre elas os SIGs – Sistemas de Informações Geográficas – tendem a facilitar os diversos trabalhos de representação e análise da superfície terrestre em diferentes escalas. Constatou-se que o *geomarketing* em Moçambique "poderia ser implantado e oferecido como manobra de atração de investimentos, ao destacar pontos de interesse para investidores".

Este número da revista que é o resultado de uma experiência bem sucedida é composto de artigos de pesquisa e de literatura científica que nos convidam à leitura da situação do Brasil e de Moçambique que, em muitos momentos, se encontram de modo a possibilitar um novo olhar para os dois países. Os textos apresentados despertam o interesse dos leitores para as realidades excludentes de cada país. Urge a necessidade de realização de novos eventos, produtivos como este, que denunciam, motivam e apontam caminhos para formulação de políticas que visem a melhoria da qualidade de vida ambiental, social e econômica para a população dos dois países: Brasil e Moçambique.

Rosa Ester Rossini
Professora Titular do
Departamento de Geografia da FFLCH
USP